

Meus Senhores, Minhas Senhoras

Muito para a Tera e para os filhos do Rodrigo

Em primeiro lugar quero agradecer muito em especial à Direcção da SHIP, funcionários e restantes colaboradores a oportunidade que nos dão de aqui homenagear o Rodrigo Emílio.

Nenhum lugar seria melhor do que este Palácio que ele tanto amava e que visitava amiudadas vezes. “Respira-se Portugal” dizia ele quando pisava este solo.

Hoje vamos homenagear o Rodrigo Emílio como, estou certo, ele gostaria. Junto de pessoas por quem ele tinha amizade, consideração e estima.

José Luís Andrade, António José de Brito, Carlos Eduardo do Soveral, Zé Vale de Figueiredo, Luís Sá Cunha, Couto Viana, Bigotte Chorão, Pinharanda Gomes, Alberto Correia de Barros, Vítor Luís, Tó Zé Almeida, Luís Serra e Zé Campos e Sousa.

Não me vou alongar porque outros com muito mais valor falarão do Rodrigo.

Permitam-me umas pequenas referências.

“Os feixes dos lictores abriram-se à beira dos caminhos ...”

Se há um verso que me tenha vindo à memória neste momento de reflexão sobre o muito nosso RE é este de Fernando Pessoa, também ele seu irmão gémeo, também ele seu irmão siamês, tal como o Goulart para quem escreveu estes versos.

E estou seguro de que a única pessoa que ele sentiria a falta neste momento é o muito seu e muito nosso Goulart Nogueira. O “Mestre” como sempre o tratou desde há mais de 40 anos quando lhe escreveu a primeira carta e lhe demonstrou o seu interesse em como ele se encontrar.

De Rodrigo Emílio podemos dizer que há dois tipos de homens superiores: os homens transparentes e os homens enigma. Rodrigo sempre encarnou os dois.

A partir de 1974 RE ficou triste e amargurado.

Triste sim, mas activo.

Triste sim, mas combatente.

Triste sim, mas sempre na liça. Pela Pátria, pelos Valores, pela passagem de

testemunho às gerações mais jovens. Pelo casamento da Tradição e da modernidade, que ele defendeu acerrimamente até ao fim.

Triste e lutador até que o seu irmão corpo o traiu e lhe tirou a força e a volúpia que sempre o encaminharam para a verdade.

Esta foi a única traição que ele aceitava e contra a qual não quis – estou certo - lutar.

Quanto mais penso no Rodrigo mais me convenço que o desaparecimento físico deste homem fora do comum, muito para além do comum, com o seu proverbial desprendimento aristocrático, sempre a eito e a direito, obscureceu a sua/nossa época e empobreceu bastante Portugal.

Num momento de desânimo (a que ninguém me pode levar a mal) desabafava com o muito nosso Zé Campos e Sousa “O Rodrigo faz-nos falta”.
Nesse momento o Zé deu-me a receita que estou certo é a mais apropriada:

“Leiam-no, ouçam-no, divulguem-no”...

E esta, meus Srs e minhas Sras é a maior homenagem que todos podemos prestar a este Amigo, a este Homem, a este Vulto que fisicamente e apenas fisicamente nos abandonou.

Muito obrigado.

José Carlos Craveiro Lopes